

Músicas europeias do século XIX em Cabo Verde: espaços da sua apropriação¹

Gláucia Nogueira

Resumo

No século XIX, chegaram a Cabo Verde, tal como a outras regiões do mundo, práticas de música e dança europeias (polca, mazurca, valsa, schotische, galope, contradança, quadrilha), que se difundiam então pelo mundo seguindo as rotas do colonialismo. Num primeiro momento, essas expressões estavam circunscritas aos círculos sociais privilegiados, sendo com o tempo apropriadas pelas camadas populares, num processo que as cabo-verdianizou e difundiu. Este artigo procura evidenciar algumas dinâmicas socioculturais, na Praia e no Mindelo, apresentando alguns dos espaços físicos e sociais, privados e públicos, em que se dava a prática daquelas músicas e danças nos primeiros tempos da sua presença em Cabo Verde. Atesta-se, desta forma, a sintonia das duas principais cidades cabo-verdianas com as tendências, quanto a estilo de vida e padrões de modernização, que se verificavam naquele momento na Europa, de onde recebem vários tipos de influência.

Introdução

Como colónia portuguesa, Cabo Verde recebe, ao longo do século XIX, influências que emanam da metrópole incidindo nos mais variados âmbitos da vida quotidiana – da administração às práticas culturais e educativas à saúde, entre outras. Contudo, também recebe influências de outros países europeus, em particular a França e a Inglaterra, que têm uma posição dominante no contexto internacional daquele momento, enquanto Portugal ocupa uma posição periférica e é por sua vez influenciado por aqueles.

¹ Este artigo aborda espaços urbanos e sociabilidades em Cabo Verde no século XIX como parte da tese de doutoramento “Músicas e danças europeias do século XIX em Cabo Verde. Percurso de uma apropriação”, realizado com bolsa da CAPES e em fase de conclusão.

Boaventura Sousa Santos (2003: 25 et seq.) analisa detalhadamente esta situação em “Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade”.

As influências culturais europeias evidenciam-se num primeiro momento, sobretudo nos principais núcleos urbanos do arquipélago, ou seja os locais mais cosmopolitas devido ao tipo de atividades económicas desenvolvidas, ao estatuto político-administrativo e aos fluxos migratórios, entre outros fatores. Ao longo do século XIX, conforme o período, houve surtos de prosperidade em determinadas ilhas, o que determinou o tipo de espaços urbanos nelas criados e as sociabilidades que aí se podem ter desenvolvido, com interesse para o tema das práticas de música e dança.

Como refere Wirth,

as influências que as cidades exercem sobre a vida social do homem são maiores do que poderia indicar a proporção da população urbana, pois a cidade não somente é, em graus sempre crescentes, a moradia e o local de trabalho do homem moderno, como é o centro iniciador e controlador da vida económica, política e cultural que atraiu as localidades mais remotas do mundo para dentro de sua órbita e interligou as diversas áreas, os diversos povos e as diversas atividades num universo. (Wirth, 1979: 90-91)

As ilhas da Boa Vista, do Maio e do Sal, devido à exploração de salinas, tiveram o seu período áureo em meados do século XIX, mas em qualquer dos casos a fase de prosperidade não chega a durar meio século (*cf.* Martins, 1891: 83). São Nicolau e Santo Antão, duas ilhas montanhosas e de perfil rural, tinham as suas vilas principais onde residiam as autoridades e a burguesia, sendo que a primeira foi durante muito tempo privilegiada pelo clero, que inclusive aí fundou um seminário, em 1866 (Lopes Filho, 1996, v. I: 58). Ambas situam-se na parte norte do arquipélago, Barlavento, tal como São Vicente, que se manteve praticamente deserta até princípios do século XIX, devido à escassez de água potável. Só foi efetivamente povoada a partir de 1850, para o que pesou o interesse de companhias britânicas em comercializar carvão como combustível para a navegação a vapor (*cf.* Martins, 1891: 83-89). Surge assim, ao redor da baía onde se localiza o Porto Grande, a cidade do Mindelo. O significativo número de navios – por exemplo, 1.581 embarcações em 1882, correspondendo a 88.250 passageiros – que fazia escala na cidade, onde 17 países tinham representação consular (São Vicente, *BO*, separata, 22 de dezembro de 1883: 3-6), foi um fator de prosperidade que, ao mesmo tempo que atraiu trabalhadores de outros pontos do arquipélago, fez do Porto Grande uma

porta aberta para a penetração de influências exteriores. O perfil cosmopolita que resulta das dinâmicas desse período é até hoje uma característica invocada para descrever a cidade do Mindelo. A presença dos britânicos, embora vivessem num verdadeiro *apartheid*², foi determinante em vários aspetos socioculturais.

Na parte sul, Sotavento, onde se situam as ilhas de colonização mais antiga, Santiago e Fogo, os principais núcleos urbanos eram habitados por algumas famílias abastadas, membros da administração colonial e um pequeno número de estrangeiros. Anúncios comerciais atestam a presença de europeus a introduzir serviços e novidades nesses centros, caso do fotógrafo belga Maximiliano Baumont, que a partir de 1872 percorre as ilhas, fazendo retratos e mais tarde reproduções, mapas e outros serviços (Baumont, *BO*, 1872, *passim*) e do relojoeiro espanhol Simas Bohana (*BO*, junho de 1872, *passim*), que repara “relógios, caixas de música, harmóniuns, etc...”.

Na ilha do Fogo, por outro lado, viveu o francês Armand Montrond, que introduziu inovações agrícolas, deixou vasta descendência e acabou por se tornar uma figura lendária localmente (cf. Martins, 1891: 107-108; Valo, *Le Monde* 2, 26 de fevereiro de 2005: 32-37). Além disso, nesta ilha, um pequeno grupo de famílias brancas com origem na metrópole, proprietárias de terras e ligadas ao comércio, constituíam uma elite com capacidade para adquirir bens de consumo na Europa, para onde enviavam os filhos para estudar. O sobrado da propriedade rural denominada Maria Chaves, alvo de uma tentativa de recuperação patrimonial na década de 1980, quando ainda se podiam ver paredes com cenas de caça (Lopes; Massa; Massa, *Ponto & Vírgula*, dezembro de 1987), ou o segmento de uma pintura mural num casarão em São Filipe (Figura 1) atestam a passagem pela ilha de pintores estrangeiros a decorar residências abastadas. Por outro lado, um já antigo fluxo de migrantes do Fogo e da vizinha ilha Brava para os Estados Unidos contribuía para a entrada de dinheiro, produtos e tendências culturais no arquipélago.

Embora ao longo do século XIX – e mesmo mais tarde – a entrada das músicas e danças com origem na Europa tenha provavelmente ocorrido em diferentes pontos do arquipélago, os principais centros urbanos são os locais sobre os quais os arquivos fornecem com mais abundância detalhes relacionados com essas práticas e também sobre

² Sobre o estilo de vida de segregação dos ingleses, cf. Santos (2018: 144-146); Lyall (1938: 85); e Lopes (2016: 343-344).

os espaços onde vive a sociedade mais abastada de então. Assim, as cidades da Praia, em Santiago, e do Mindelo, em São Vicente, destacam-se por serem, a primeira, a capital político-administrativa da colónia e a segunda o local onde se localiza o já referido Porto Grande. Dada a sua centralidade na vida da colónia e conseqüentemente nos registos que ficaram em publicações da época, cinto-me neste artigo a estas duas cidades para abordar os espaços privados e públicos em que se deram os primeiros passos da apropriação das músicas europeias em Cabo Verde – passos de valsa, de polca, de mazurca... Ou das coreografias da contradança.

Sem aprofundar as especificidades, considere-se neste trabalho equivalentes as designações *quadrilha* e *contradança*. São coreografias realizadas aos pares, por grupos de número variável de dançarinos. A sua origem mais remota é a Inglaterra, mas foi em França que se desenvolveu de forma notável (Lamb, 2002a: 653), sendo exportada para diferentes pontos do globo, onde teve desdobramentos específicos. No Brasil, por exemplo, a designação *quadrilha* foi a que vingou (Zamith, 2011), enquanto em Cabo Verde encontramos sobretudo a expressão *contradança*.

Quanto aos estilos musicais desse período, há um conjunto deles, entre os quais a valsa surge como a mais popular, até ser destronada pela polca (Lamb, 2002b: 72 *et seq.*). Esta última, por sua vez, percorreu o mundo com tal popularidade que deu nome a chapéus, ruas e até pudins (Neumeyer (2015: 3-4). O galope, rápido e animado, também fez muito sucesso e era escolhido para encerrar a quadrilha (Lamb, 2002c: 481). O *schottisch*, que em alemão significa “escocês”, tem volteios como a polca, mas é um pouco mais lento (Tilmouth; Lamb, 2002: 635). Rodopiava-se também ao som da mazurca, que ao ser retrabalhada por Chopin passou a integrar o repertório para concerto. Em síntese, são estas as expressões musicais e respectivas danças que ao longo do século XIX difundiram-se pela Europa – por vezes fundindo-se e dando origem a produtos híbridos, como polca-mazurca – e foram a partir daí exportadas.

Quanto à presença em Portugal dessas expressões culturais, Albuquerque (2015: 5) aponta, no século XIX, “o nascimento de uma cultura de feição burguesa, caracterizada pelo gosto pela música”, surgindo assim “um novo mercado de bens culturais, no qual a música e a dança ocupavam um lugar de destaque”. Neste contexto, e seguindo as modas ditadas por Paris, Portugal recebe todo esse conjunto de músicas e danças que se encontram difundidas tanto em ambientes seletos como nos mais populares. O Baile

Nacional, na Rua de São Vicente à Guia, em Lisboa, citado por Pais (1986: 755) ou as descrições da Preta Fernanda³ de algumas pândegas em que participou (Vale et al. 1912, *passim*) são eloquentes sobre este aspeto.

Espaços urbanos no século XIX

Escrevendo sobre como a cidade se relaciona com o surto de integração da economia internacional a partir da década de 60 do século XIX, Silva e Matos (2000: s.n.) apontam um “ativo movimento de intercâmbio e de emulação de experiências” contribuindo para “uma rápida difusão de inovações entre as principais cidades do continente europeu”, em que novos padrões de conforto surgem como parte das exigências das classes médias. Aspectos como a iluminação pública, água e saneamento são exemplos das grandes transformações do ambiente urbano nessa época. Não estava em causa, afirmam estes autores, “apenas a internacionalização da economia, mas também a difusão de um modo de vida” (*idem*). Assim, ruas amplas eram consideradas essenciais para a salubridade, o traçado rectilíneo e regular era considerado o ideal para uma cidade aprazível. “A estrutura reticular do ordenamento urbano permitia a reconciliação entre o interesse da circulação, da salubridade e do embelezamento” (*idem*).

A cidade da Praia seguia essas tendências. Uma sucinta descrição, extraída de um texto sobre a canalização de água para a cidade, dirigido à secretaria das Obras Públicas e ao governador pelo diretor das Obras Públicas da província, informa que, em 1872, a capital cabo-verdiana tinha três mil habitantes, 180 animais, entre cavalos e bois, e que passou nessa altura a possuir quatro quilómetros de canalização.

É pequena mas bem alinhada, tem ótimas ruas de 10 a 14 metros de largura, e 400 a 600 de comprimento, espaçosos largos e assenta sobre uma planície de 24 hectares.⁴ É banhada ao sul pelo oceano, e cercada em todo o resto por fundo vale, arqueado a feição de ferradura [...] O reservatório de água, recém-construído, tem capacidade para 200 mil litros, e fica num edifício em que o reservatório propriamente dito fica no andar superior, “sendo todo o edifício decorado com alguma elegância, o que se julgou

³ Personagem cabo-verdiana que se celebrizou no universo da boémia lisboeta do fim do século XIX e que publicou um irreverente livro de memórias.

⁴ A Praia de então é o que hoje corresponde ao chamado Plateau, o centro histórico da cidade. A partir da independência, em 1975, com o êxodo rural e migração de pessoas provenientes das outras ilhas, desenvolvem-se os atuais bairros urbanos. Ainda hoje, muitas pessoas na cidade da Praia, quando querem aludir ao centro antigo, dizem “a Praia”.

conveniente numa cidade onde não há edificações bonitas. (Cabo Verde, *BO*, 9 de março 1872: 42-43)

Cerca de vinte anos mais tarde, um relatório sanitário indica vários melhoramentos que diminuíram o grau de insalubridade da cidade, como a drenagem, ainda que parcial, da zona da Várzea da Companhia; a canalização e o depósito de água de Monteagarro (Figura 2), acima referidos; o calcetamento de ruas; e a extinção de palhoças. Porém, ainda há muito por realizar, comenta o chefe do Serviço de Saúde, Diniz Gomes Barbosa, que assina o relatório (Cabo Verde, *BO*, 27 de junho de 1891: 140). A partir de 1871, a iluminação pública na capital, até então baseada no óleo de baleia ou de purgueira (*Jatropha curcas*), passa a utilizar o petróleo (“Parte não oficial”, *BO*, 19 de agosto 1871: 166).

Martins (1891: 125-126) faz também a sua descrição da Praia, referindo – apesar do seu tom cáustico face a vários aspetos, como o quartel com “21 peças rouquenhas anquilosadas” e a “igreja raquítica, mumificada pelo tempo”, entre outras considerações depreciativas – que a cidade é plana, bem ventilada e relativamente arborizada, com algumas praças e largos, ruas largas e alinhadas, com boas condições de esgoto das águas. Revela que há raríssimas palhoças, e só nos bairros mais pobres e afastados; que há uma farmácia e muitas tabernas, e menciona algumas “casas amplas, bem construídas, sem arabescos arquitectónicos mas bem iluminadas, arejadas e de uma aparência agradável”. E tem um teatro “denominado o *Africano*, que de fora parece uma colmeia, mas que por dentro é elegante e espaçoso”, escreve Martins, referindo ainda a casa do governador, “com sua espaçosa varanda, estufa e plantas exóticas”, as secretarias do governo, a imprensa oficial, a administração municipal, entre outros. “A Praia, como centro social, é uma burguesa a exigências impertinentes” (Martins 1891: 126).

As descrições do espaço urbano de São Vicente, por sua vez, mostram que em 1879, quando é elevada à categoria de cidade, Mindelo, com 3.717 habitantes, tem uma praça, cinco largos, 27 ruas, 11 travessas, um beco e dois pátios, iluminados por 100 candeeiros de petróleo (Cordeiro, *Cidade*, 17 de junho de 2010: s.n.). No seu relatório do triénio 1880-1882, o administrador do concelho, Joaquim Vieira Botelho da Costa deixa registadas algumas inovações, como a criação de uma biblioteca e de um novo prédio para a escola municipal do sexo feminino, a colocação de oito peças de artilharia no Fortim del Rei e ainda a inauguração do farol do Ilhéu dos Pássaros. Revelando a dinâmica desta cidade baseada no movimento ao redor do porto, Costa refere que

aumentou no período em questão o número de estabelecimentos comerciais, somando 161, e enumera: um armazém grossista; dezenas de lojas de venda a grosso ou a retalho, com produtos como fazendas, mercearias e bebidas; 24 tabernas; sete padarias; dois talhos; seis casas de comida; quatro hotéis, com casa de pasto; e três botequins com jogo de bilhar (São Vicente, *BO*, separata, 22 de dezembro de 1883: 4-6).

Sociabilidades e dinâmicas culturais

A capital de Cabo Verde possui em meados do século XIX uma elite formada por funcionários públicos, proprietários de terras e comerciantes com capacidade financeira para importar produtos, modas e hábitos culturais. Há pianos nas casas abastadas, onde ocorrem saraus e bailes, em que se dançam as músicas em voga na Europa. Treze sociedades recreativas são criadas (*cf.* Oliveira, 1998: 85 *et seq.*) a partir de meados da década de 1860.

Terra pobre, sem grandes meios de distração nem atividades culturais dignas de menção, os mais cultos e endinheirados procuraram vencer estas limitações fundando agremiações onde pudessem passar o serão, estar com os amigos, saber as novidades de fora, assistir a espetáculos, divertir-se, etc. (Oliveira, 1998: 85)

Estas agremiações permitem aferir o desejo da elite cabo-verdiana de estar em contato com a “civilização” e de ter acesso a bens de consumo europeus. O Clube Recreativo da Praia, por exemplo, é apontado como “um centro rasgadamente civilizador” e o autor da crónica de um dos seus bailes faz votos de que continue a sua “escala ascendente”, referindo que para quem vive naquele “pequeno canto do Globo [...] nem sempre abundam as distrações úteis e agradáveis” (P., *BO*, 1 de janeiro de 1876: 3).

Na Praia, em determinado momento, existiram dois teatros em simultâneo: o Teatro D. Maria Pia de Saboia (que durou de 1863 a 1875) e o Teatro Africano. Fundado em 1867, este último durou até o século XX, deixando de ser uma associação e passando a ter cariz empresarial (hoje o edifício pertence à Câmara Municipal da Praia) (*cf.* Vieira, *Novo Jornal Cabo Cabo Verde*, 11 de maio de 1995: 12-13). Sobre ele, lê-se na crónica, citada por Semedo (2006), de António Arteaga, figura de destaque na vida cultural desses

tempos, tendo sido em determinado período o responsável da Biblioteca Nacional⁵ que então funcionou na Praia:

[...] temos ouvido dizer a muitos visitantes que é o melhor e mais elegante das províncias ultramarinas. A sala do espectáculo é em forma oval, cortada na parte do proscénio. Tem oito frizas do lado esquerdo, a geral do lado direito e uma só ordem de 14 camarotes. A plateia accomoda 110 pessoas. O pano de boca representa a praça de Luiz de Camões em Lisboa, e foi pintado por Rambois e Cinati. O tecto é pintado a óleo e o resto da sala a branco com frizos e figuras douradas. (Semedo, 2006: 130)

Completa a descrição a informação de que “dão ali frequentes espetáculos promovidos por curiosos, que dispendo de algumas horas d’ócio vão distrair-se, arrancando a cidade da sua proverbial monotonia” (*ibidem*).

Diversas outras referências na imprensa comprovam o contacto das elites urbanas de Cabo Verde com as tendências culturais internacionais do período em questão. As descrições de bailes são eloquentes. Como aquele nos paços do concelho (Figura 3) no Mindelo, em homenagem aos exploradores Capello e Ivens, na sua passagem por São Vicente, em 1885, em que ambos dançaram a quadrilha (Costa, *BO*, 03 de outubro de 1885: 243).

A “Parte Não Oficial” do *Boletim Oficial* menciona por vezes os tipos de músicas em voga na época. Por exemplo, numa récita de amadores ouviu-se a valsa (“Theatro Africano”, *BO*, 6 de setembro de 1873: 198); meses depois, já se criaram neologismos para descrever a fruição das novidades musicais: “Contradançou-se, lanceirou-se, polcou-se, mazurcou-se e walsou-se sempre com grande animação até já depois de o sol estar alto” (Ulysses, *BO*, 7 de fevereiro de 1874: 29). E pela edição de 13 de janeiro de 1877 fica-se a saber que serão interpretadas pela banda, num baile de máscaras a realizar-se por aqueles dias, “novas e variadas quadrilhas, polkas, mazurkas schotz [*sic*], etc.” (“Teatro Africano”, *BO*, 13 de janeiro de 1877: 8).

Uma descrição particularmente interessante, por evidenciar o ambiente elitista em que as músicas em questão marcavam presença, é a do já citado António Arteaga, no folheto “Amores de uma creoula”, publicado na *Revista de Cabo Verde*:

⁵ Não confundir com a atual Biblioteca Nacional, criada na década de 1990.

A sala grande da casa de Manuel Gomes, com as suas dez janelas, que olhavam para a rua do Senado e para a espaçosa varanda, achava-se fartamente iluminada.

(...)

Um enorme lustre de vidro, ao centro, coava a luz das suas cinquenta velas, pelos prismas de cristal. Nos contadores de madeira do Brasil, enormes candeeiros de bronze cinzelado projetavam pálida luz. Jarras de flores, quadros antigos, alguns de valor, cadeiras de mogno em relevos com espaldar de couro e pregadura de metal, completavam o resto da ornamentação da sala de baile.

Na varanda (...) alguns músicos afinavam as suas rabecas e violas.

A sala estava cheia de damas e cavalheiros. Ali vamos encontrar o que há de mais escolhido na aristocrática sociedade da Ribeira Grande. (Arteaga, *Revista de Cabo Verde*, 1899: 2-3)

Tiveram também papel importante no processo de penetração das músicas de origem europeia em Cabo Verde as bandas de corporações militares ou civis (Figura 4). Em dezembro de 1889, a aclamação do rei D. Carlos I foi assinalada na capital com várias atividades, a começar pela banda de música, que percorreu as ruas tocando o Hino da Carta Constitucional da Monarquia. Seguiram-se outros eventos, que culminaram, à noite, com um baile nos paços do concelho (Arteaga, *BO*, 11 de janeiro de 1890: 7). Refira-se que as bandas forneciam habitualmente músicos tanto para as comemorações oficiais como para os agrupamentos que animavam os bailes (*cf.* Tinhorão 1990; s.d., no que diz respeito ao Brasil).

Quanto a São Vicente, Costa, no relatório atrás referido (São Vicente, *BO*, separata, 22 de dezembro de 1883: 1), menciona as bandas da década de 1880, sendo que uma delas, a Filarmónica Recreio, tinha 20 membros, sendo o regente pago pela Câmara Municipal. Em outro texto, este com mais pormenores etnográficos e publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, o administrador faz outras referências a aspetos ligados às práticas musicais em São Vicente, e afirma: “Os bailes ou danças propriamente da terra, acompanhadas de cantigas e palmas, passaram já de moda, substituídas por contradanças francesas, com muitas e complicadas marcas, valsas, mazurcas, polcas e *schottischs*” (Costa, *Raízes*, dezembro de 1980:183 [1882]). Tal afirmação atesta o quanto nessa época essas músicas se encontravam já bem inseridas nos momentos de entretenimento e sociabilidade em São Vicente.

Considerações finais

Apesar de a pobreza e a aridez serem sempre as notas predominantes nas descrições de Cabo Verde, pode-se observar pelos textos do século XIX aqui referidos que os principais centros urbanos do arquipélago estavam em sintonia com o que se desenrolava nas cidades europeias, também estas num processo de modernização e de aumento do nível de exigências quanto ao conforto e salubridade, entre outros aspetos.

Por outro lado, abundantes referências evidenciam que os salões das elites de então foram um importante canal para a entrada de músicas e danças de origem europeia no arquipélago, fruídas em festas e bailes. A sintonia da sociedade cabo-verdiana, pelo menos a camada mais abastada, com as tendências culturais ditadas pela Europa fica evidenciada na sua adesão às músicas em voga naquele momento. Já no espaço público, as bandas de música tiveram um papel importante no sentido de levar essas sonoridades para as ruas, democratizando o acesso às novas tendências.

Refira-se que os músicos – os que tocavam instrumentos próprios às filarmónicas mas também violinistas, violeiros e guitarristas, estes quase sempre autodidatas –, pertencentes de modo geral às classes populares, foram os grandes responsáveis pela apropriação das expressões musicais estrangeiras, cabo-verdianizando-as, ao tocá-las a seu modo. Mas este é tema para outro artigo.

Referências bibliográficas

Arteaga, António de (1899, setembro). Amores d'uma Creoula. *Revista de Cabo Verde* (13).

Carreira, António (1984, junho). As ilhas de Cabo Verde há 100 anos. População, grupos sócio-profissionais. *Raízes* (21).

Cordeiro, Ana (2010, junho 17). Mindelo: entre a ficção e a realidade. Obtido de: <http://www.buala.org/pt/cidade/mindelo-entre-a-ficcao-e-a-realidade>. Acesso em 30 de abril de 2019.

Costa, Joaquim Vieira Botelho da (1980, dezembro). A Ilha de S. Vicente de Cabo Verde: Comunicação à Sociedade de Geographia de Lisboa (1882). *Raízes* (7/16).

Lamb, Andrew (2002a). Quadrille. Stanley Sadie & John Tyrrell (orgs.), *The New Grove Dictionary of Music and musicians* (2ª ed., Vol. 20, pp. 653-654). Londres, Nova Iorque: MacMillan, Grove.

Lamb, Andrew (2002b). Waltz. Stanley Sadie & John Tyrrell (orgs.), *The New Grove Dictionary of Music and musicians* (2ª ed., Vol. 27, pp. 72-78). Londres, Nova Iorque: MacMillan, Grove.

Lamb, Andrew (2002c). Galop. Stanley Sadie & John Tyrrell (orgs.), *The New Grove Dictionary of Music and musicians* (2ª ed., Vol. 9, pp. 481-482). Londres, Nova Iorque: MacMillan, Grove.

Lopes Filho, João (1996). *Ilha de São Nicolau Cabo Verde. Formação da sociedade e mudança cultural* (2 vols.). Lisboa: Ministério da Educação.

Lopes, José Vicente (2016). Onésimo Silveira : *Uma Vida, Um Mar de Histórias*. Praia: e.a.

Lopes, Leão; Massa, Jean Michel; Massa, Françoise (1987, dezembro). Maria Chaves – O sobrado de “Ilhéu de Contenda” de Teixeira de Sousa. *Ponto & Vírgula – Revista de Intercâmbio Cultural* (17).

Lyall, Archibald (1938). *Black and White Make Brown: An Account of a Journey to the Cape Verde Islands and Portuguese Guinea*. Londres: Heinemann.

Martins, João Augusto (1891). *Madeira, Cabo Verde e Guiné*. Lisboa: Livraria A.M. Pereira.

Neumeyer, David (2015). Nineteenth-century european and american polkas with rising lines and cadence gestures. Texas Digital Repository. Obtido de <https://repositories.lib.utexas.edu/bitstream/handle/2152/32723/Polkas%20with%20rising%20cadence%20gestures.pdf?sequence=3> [10 de janeiro de 2019].

Loureiro, João (1998), *Postais Antigos de Cabo Verde*. Lisboa: João Loureiro e Associados.

Oliveira, João Nobre de (1998). *A Imprensa cabo-verdiana 1820-1975*. Macau: Fundação Macau.

Pais, José Machado (1986). A imagem da mulher e os rituais de galantaria nos meios burgueses do século XIX em Portugal. *Análise Social*, XXII(92-93), 751-768.

Santos, Boaventura Sousa (2003). Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, pós-colonialismo e interidentidade. *Novos Estudos CEBRAP*, (66), 23-52.

Santos, Maria do Carmo F. Daun e Lorena (2018). *Classe, memória e identidade em Cabo Verde: uma etnografia do carnaval de São Vicente* (Tese de doutoramento). Universidade de Lisboa/Instituto de Ciências Sociais, Lisboa. Obtido de <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/34055> [28 de abril de 2019].

Semedo, Manuel Brito (2006). *A Construção da Identidade Nacional – Análise da Imprensa entre 1877 e 1975*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.

Silva, Álvaro Ferreira da; Matos, Ana Cardoso de. (2000, agosto). Urbanismo e modernização das cidades: o "embellazamento" como ideal, Lisboa, 1858-1891. Scripta Nova. *Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona [ISSN 1138-9788] N° 69 (30).

Tilmouth, Michael; Lamb, Andrew (2002). Schottische. Stanley Sadie & John Tyrrell (orgs.), *The New Grove Dictionary of Music and musicians* (2ª ed., Vol. 22, p. 635). Londres, Nova Iorque: MacMillan, Grove.

Tinhorão, José Ramos (1990). *História Social da Música Popular Brasileira*. Lisboa: Caminho.

Tinhorão, José Ramos (s.d.). *Pequena História da Música Popular*. São Paulo: Círculo do Livro.

Vale, Fernanda do et al. (1912). *Recordações d'uma colonial. Memórias da Preta Fernanda*. Lisboa: e.a.

Valo, Martine (2005, fevereiro 26). Avec les descendentes d'Armand de Montrond - Le séducteur français du Cap-Vert. *Le Monde* 2.

Vieira, Henrique Lubrano de Santa Rita (1995, maio 11). Teatros e cineteatros na cidade da Praia. *Novo Jornal Cabo Verde*.

Wirth, Louis (1979 [1938]). O urbanismo como modo de vida. In VELHO, Otávio (org.), *O Fenômeno Urbano*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1979.

Zamith, Rosa Maria (2011). *A quadrilha: da partitura aos espaços festivos*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais Lda.

*

Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Cabo Verde:

Arteaga, António (1890, janeiro 11) Parte não oficial.

Balsemão, Eduardo Augusto Sá Nogueira Pinto de (1874, outubro 10 e 17). Relatório do Secretário Geral do Governo (Ilha Brava).

Cabo Verde, Província de/Junta de Saúde Pública (1891, junho 27). Relatório sanitário respectivo ao 3º trimestre de 1890.

Cabo Verde, Província de/Secretaria das Obras Públicas (1872, março 9). Encanamento das águas para a cidade da Praia na ilha de Santiago.

Euterpe (1876, junho 24).

Maximiliano Baumont (1872, janeiro 20; abril, 13; dezembro, 28; 1875, setembro 18).

P. (1876, janeiro 01) Parte não oficial.

Parte não oficial (1871, agosto 19).

São Vicente/Administração do Concelho da Ilha de (1883, dezembro 22). Relatório do Administrador do Concelho da Ilha de São Vicente referido ao triénio findo em 31 de dezembro de 1882 [separata].

Simas Bohana (1872, junho 01, 08, 15).

Theatro Africano (1873, setembro 6).

Theatro Africano (1877, janeiro 13).

Ulysses, (1874, fevereiro 7). Parte não oficial.

Figuras

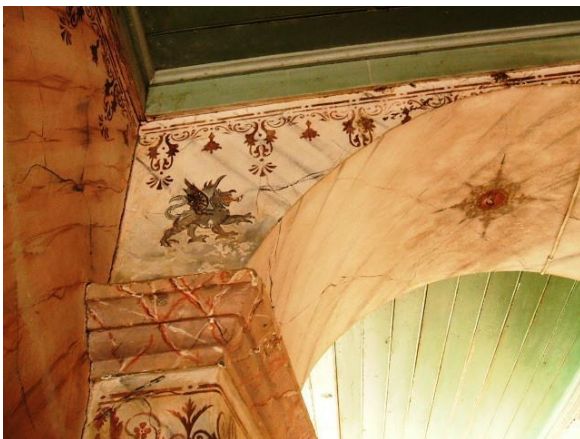


Figura 1: Decoração mural num casarão em São Filipe, Ilha do Fogo. Fonte: Foto da autora, 2006.

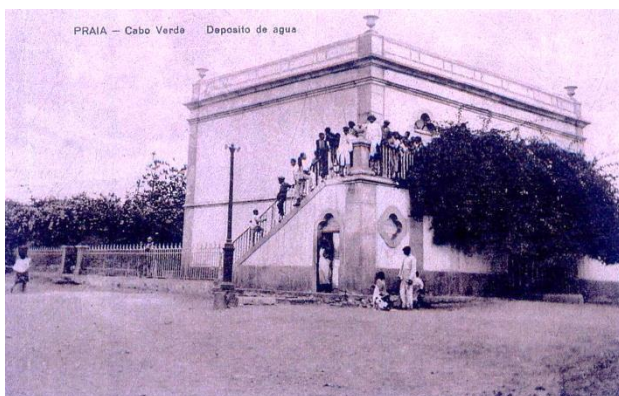


Figura 2: Depósito da água de Monteagrar, c. 1915. Fonte: João Loureiro (1998), *Postais Antigos de Cabo Verde*, Lisboa: João Loureiro e Associados.



Figura 3: Paços do concelho, Mindelo, c. 1881. Fonte: <http://www.buala.org/pt/cidade/mindelo-entre-a-ficcao-e-a-realidade>

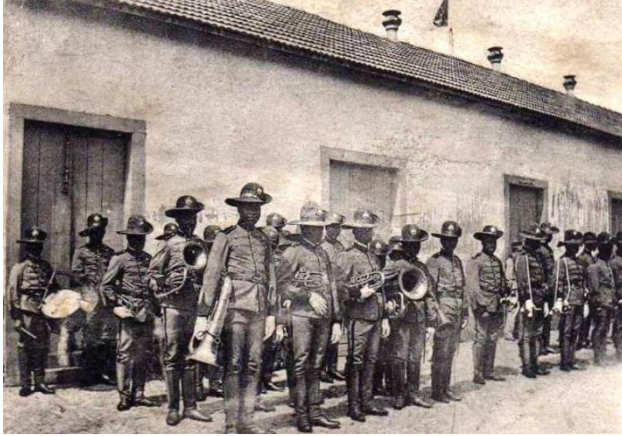


Figura 4: Banda de Música da Polícia Indígena, c. 1910. Fonte: João Loureiro (1998), *Postais Antigos de Cabo Verde*, Lisboa: João Loureiro e Associados.